



PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES COM FOCO NA ARTE, NA LÍNGUA E NA CULTURA INDÍGENA TERENA

Ana Lúcia Gomes DA SILVA¹
Franchys Marizethe Nascimento SANTANA²
Isabel Cristina RATUND³

RESUMO

As reflexões interdisciplinares, com foco na arte, língua e cultura do povo indígena Terena, instigaram esta pesquisa. Trilhamos com o objetivo de compreender as práticas interdisciplinares e interculturais, em uma abordagem sobre as ações transformadoras e envolventes nas parcerias entre UFMS/CPAQ, os alunos indígenas e os acadêmicos norte-americanos. À medida que a educação diferenciada se desenvolve e repercute sobre as interações no grupo, interessa-nos saber de que maneira os objetos da pesquisa interferem na motivação do aluno na escola, na vida cotidiana e, quais as consequências dessa mediação para valorização da cultura Terena. Procuramos a partir dos princípios da metodologia interventiva reconhecer o universo teórico que respalda a multiplicidade do movimento interdisciplinar. Os resultados revelam que ainda há muito a ser feito, mas as ações desenvolvidas já demonstram um grupo mais expressivo, criativo e sensível entre o todo e as partes na educação e na própria trama da vida.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Arte. Língua. Cultura Indígena.

ABSTRACT

This work is a result of interdisciplinary reflections, focused on art, language and culture of Terena indigenous people. The research was held with an approach about the transformative and engaging actions, in partnerships between UFMS / CPAQ, indigenous students and North American scholars, in order to understand the interdisciplinary and intercultural practices. As the differentiated instruction developed and echoed in the group interactions, we wanted to learn how the objects of study interfered in the student's motivation in school, in their everyday life and the consequences of this mediation to valuing Terena's culture. Thus we seek from the principles of interventional methodology recognize the theoretical universe that supports a multitude of interdisciplinary movement. The results reveal that there is still much to be done, although the actions that have already been developed demonstrate a more

¹ Professora Doutora, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CPAQ: analucia.sc1@hotmail.com

² SANTANA, Franchys Marizethe Nascimento – doutora, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CPAQ. E-MAIL: francys.santanam@hotmail.com

³ RATUND, Isabel Cristina- mestre, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CPAQ: isarat07@gmail.com



expressive, creative and sensitive group between the whole and the parts in education and in the braids of life itself.

Keywords: Interdisciplinarity. Art. Language. Indigenous Culture.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas a sociedade brasileira experimentou significativas transformações de ordem social, econômica e demográfica que repercutiram e repercutem no desenvolvimento do país como um todo. Ampliando o parque industrial, gerando empregos, consolidando e modernizando o sistema produtivo.

Como consequência as pessoas, a exemplo do que ocorre em outras partes do mundo, passaram a questionar com mais frequência a sua existência e redefinirem seu sentido de identidade como nacionalidade, etnia, língua religiosidade, arte, participação política, reestruturação familiar e pessoal, enfim sua cultura.

Na esteira dessas transformações a construção social do homem sofre as interferências de todo esse processo, repercutindo diretamente na expansão da escolaridade, caminho obrigatório para o acesso a novas oportunidades de trabalho, criações artísticas, criações científicas e outras.

Nas sociedades dos povos indígenas essas transformações se fazem perceptíveis no âmbito da educação, da arte e principalmente cultural após a aproximação e contato quase que permanente com o não índio. Esse contato com o não índio gera na população indígena, demandas e desejos até então inexistentes. Para satisfazer essas demandas e desejos o índio vê na educação o único caminho capaz de oferecer um futuro melhor. Com isso, emergem mudanças nas suas relações sociais perante seus pares dentro das aldeias ressaltando assim, aspecto de transição cultural que marcam as relações entre a cultura primitiva e a cultura assimilada, compondo novas oportunidades de relacionamentos sociais.

Nesse contexto, a interdisciplinaridade representa a possibilidade de promover a superação da dissociação das experiências escolares entre si, como também delas com a realidade social. Ela emerge da compreensão de que o ensino não é tão somente um problema pedagógico, mas um problema epistemológico. A necessidade da interdisciplinaridade impõe-se não só como forma de compreender e melhorar o mundo, mas como uma exigência interna das ciências que buscam o restabelecimento da unidade perdida do saber. Por isso, Fazenda (1994) aponta a necessidade de desenvolver uma atitude



interdisciplinar, para que a prática educacional seja mais significativa e mais produtiva no ensino superior: “É apoio à ciência e à pesquisa. Possibilita eliminar a distância existente entre a formação escolar e atividade profissional” (Fazenda, 1994, p. 23). A autora abre novos horizontes, para compreendermos situações como as ações docentes em parceiras numa realidade indígena e, o Professor Dr. Claudio Picollo (2005) complementa na mesma direção:

Somente promovendo um contato entre saberes, preponderantemente interdisciplinar, é que a Universidade poderá cumprir efetivamente seu real papel: usar, descobrir e redescobrir seus rumos [...] (2005, p.13).

Nessa conjuntura, a interdisciplinaridade, surge como um desafio, como uma nova forma de abordar e apoiar a questão da integração do índio na sociedade dos não índios que os cercam, contribuindo assim para assegurar plena efetividade aos textos constitucionais e de leis complementares inerentes.

Os estudos acadêmicos acerca da interdisciplinaridade remontam às décadas de 1960 e 1970, quando organismos internacionais de educação começam a contribuir de forma significativa para o movimento interdisciplinar. Este fenômeno vem com força global a partir de 1970, com grande enfoque nas reuniões realizadas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Fazenda, (2001) é a pioneira nos estudos interdisciplinares no Brasil, autora de várias obras. As primeiras pesquisas dela revelaram professores perdidos em suas funções, impedidos de revelar seus dons naturais, bloqueados nas suas criações, robotizados nas tarefas cotidianas, desapontados e alienados. A Interdisciplinaridade como tudo que é inovador, indica nova postura e transformações nas práticas docentes. Isto confere validade ao conhecimento do senso comum porque é através do cotidiano que damos sentido à nossa vida.

A interdisciplinaridade, a partir do ponto de vista conceitual, é um termo utilizado pelos especialistas com diversos significado e matizes, espaço onde se destacam autores como: (Japiassú, 1976; Fazenda, 2005, 2012), que contribuiram significativamente para o seu desenrolar.

Segundo o entendimento desses autores o termo interdisciplinaridade ainda não possui um conceito próprio porque apresenta diferentes significações e compreensões. Os



diversos termos que servem para designar a interdisciplinaridade trazem sempre a mesma conotação. Para Japiassu (1976, p. 74), “a interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa”. Fazenda, por outro lado, apresenta diversos conceitos pesquisados no relatório CERI/HE/CP/69.01 (1969), ressaltando o de Guy Michaud, que propõe uma distinção terminológica em quatro níveis: multi, pluri, inter e transdisciplinar.

Se não há ainda um consenso entre os diversos autores quanto à definição de interdisciplinaridade, os pesquisadores e estudiosos veem a interdisciplinaridade como uma forma de conciliar as mudanças de atitudes e as adaptações necessárias aos rumos da educação. Dentre eles Fazenda, que em estudos realizados em 1989 já percebia as dificuldades enfrentadas tanto por professores como alunos, em escrever e comunicar-se oralmente. Essa falha na educação, segunda a autora, era devido ao modelo do sistema educacional brasileiro, que não conseguia produzir os resultados esperados – a escrita e a comunicação oral dos educandos.

Nesse sentido anos depois (2003) a pesquisadora discorrendo sobre o caminhar da Interdisciplinaridade no Brasil observa que:

O ensino da língua é empobrecido, restringindo-se ao formal. Educação artística e educação física não são mais obrigatórias; a comunicação torna-se sem expressão e a expressão sem comunicação; os livros didáticos garantem a memorização e as regras gramaticais ‘por elas mesmas’ reprisadas em exercícios estéreis. O som, as mãos, as formas, as cores, os espaços, os materiais plásticos não fazem parte da programação; as expressões são vazias, a linguagem desordenada, o corpo ausente (FAZENDA, 2003, p. 60).

Nos pensamentos de Fazenda (1991), emergem um comprometimento em esclarecer a interdisciplinaridade como uma atitude tomada pelo profissional diante do conhecimento, na tentativa de buscar alternativas para conhecer mais e além de sua área. Esta busca nos leva a romper com as barreiras entre as disciplinas através do diálogo constante entre professores e criação de projetos coletivos onde todos possam trabalhar integrando teorias, métodos e práticas. Isto é no mínimo uma tarefa difícil, pois significa modificar a prática e o funcionamento das escolas em que trabalhamos e da sociedade em que estamos inseridos. Significa a substituição de uma concepção fragmentária e individualista do ser humano, para



uma visão do ser humano em constante processo de transformação que necessita da interação social para se desenvolver.

Considerados esses aspectos, a informação com as novas tecnologias, está modificando o modo de vida das pessoas e por extensão atinge o sistema educacional. A cultura e o progresso social passam a ser o suporte material de um desenvolvimento globalizado. Entretanto, esse desenvolvimento não chega a transformar o modo de atuação do professor que continua a trabalhar o conteúdo didático de forma parcelada, fragmentada e distanciada de uma perspectiva interdisciplinar.

Daí, a necessidade de se desenvolver novas abordagens curriculares com feições interdisciplinares com a finalidade de alcançar a interpretação da realidade a partir de uma nova concepção em que o processo seja assumido como o *modus operandi* dos educadores. Isto porque, apesar da existência de embasamento teórico para a execução das ideias relacionadas com a interdisciplinaridade, os currículos atuais ainda ressentem de ajustamento lógico, que permita estabelecer laços mais estreitos entre os atores envolvidos no processo ensino-aprendizagem, de forma a possibilitar uma relação mais estreita com a vida sócio política dos estudantes, permitir que o professor revolucione a sua ação pedagógica e sinta ao mesmo tempo em que a interdisciplinaridade é um caminho que facilita o conhecimento.

Diante das complexidades das questões na educação, as reflexões fazem-se pontuais sobre a interdisciplinaridade na prática docente e, descortina a forma como o conceito de percepção auxilia o desenvolvimento do nosso trabalho de pesquisa sob as múltiplas implicações onde se realizam a observação, a ação e a intervenção, fazendo-nos ver e entender o mundo em sua rede infinita de relações que levam a uma nova estrutura de pensamento, a uma nova dimensão.

2 A SOCIEDADE INDÍGENA NO CURSO DA NOSSA HISTÓRIA

Levantados os primeiros aspectos teóricos necessários na organização dos estudos, fez-se necessário buscar as contribuições da história para refletir sobre a construção de caminhos novos na sociedade indígena.

Desde a década de 1960, os povos indígenas têm demonstrado grande poder de organização e mobilização através do Movimento Indígena. Neste ponto reside a perplexidade da sociedade não índia. Como lidar com a presença de seres historicamente relegados ao passado? Sujeitos que figuram como meros coadjuvantes da história do Brasil?



Afinal, não foram dizimados durante a colonização? A nossa historiografia, nossos livros didáticos pouco fala deles para além do período colonial e isso tem contribuído para uma visão estereotipada na qual esses povos são colocados sempre no passado. Basta lembrarmos em que modos ocorrem as comemorações do dia do índio nas escolas, já que ainda é comum vermos crianças de cara pintada portando um cocar feito com papel para lembrarem que o 19 de abril é dia de índio.

Nos últimos anos tem sido possível identificar novas perspectivas para essa questão. Cada vez mais os historiadores tem se interessado pela história dos povos indígenas, apesar de muitos continuarem a desconhecê-la, atribuindo-lhe pouca ou nenhuma importância e responsabilidade sobre essa parcela da História, até então delegada aos antropólogos. Os estudos começam a se distribuir entre outras áreas científicas, ampliando e disseminando essa parte da História do Brasil.

Hoje, os mais de 200 povos indígenas espalhados por todo o país desmentem claramente todas as abordagens, teorias e políticas que preconizaram seu fim. Fortalecidos pelo crescimento vegetativo e pelos movimentos de autodeterminação, diversos povos vem se organizando e exigindo da sociedade brasileira respeito à diferença ao mesmo tempo em que reivindicam direitos comuns aos cidadãos brasileiros. Afirmando suas identidades, vários povos têm se conscientizado de que podem lutar, a favor de mais consciência por seus direitos, suas terras, afirmação das suas identidades, manutenção de seus territórios, valores culturais, etc.

Essa “luta” concretizou-se nas ações do Movimento Indígena que há muito tempo vem questionando e reivindicando seus direitos. As conquistas desse movimento permitiram um olhar diferenciado sobre os povos indígenas e a ampliação das pesquisas valorizando a atuação dos povos nativos vem contribuindo para a compreensão dos processos históricos; não apenas para uma revisão da História Indígena, mas das próprias histórias nacionais e coloniais. Revisitando nossos escritos:

Trata-se de povos que afirmam e reafirmam suas identidades num processo de luta permanente. Apesar de inúmeros reveses enfrentados ao longo desses mais de quinhentos anos, a população indígena vem crescendo substancialmente, porém, ainda continua sendo vista como o “outro”. Silva (2013 p. 27).



Entender tais aspectos não é somente importante para a definição de identidade étnica, implica também rever os velhos paradigmas em todo o novo, como as duas faces da moeda.

Em alguns estados brasileiros a presença indígena ainda é muito questionada, pois nos acostumamos a “achar” que índio é coisa da Amazônia. Entretanto, nos últimos anos alunos oriundos de comunidades indígenas passaram a frequentar os bancos escolares das escolas dos não índios, mostrando que a inclusão desses povos nas comunidades não índias já é uma realidade.

Percebemos o quanto há que se aprender sobre a riqueza cultural existente nas diferentes etnias protegendo e promovendo a valorização da diversidade de expressões culturais. Como mencionado acima, a UNESCO em seu texto da convenção realizada em Paris, afirma que “Preservando culturas como as da população indígena com seus conhecimentos tradicionais materiais ou imateriais, a diversidade se fortalece mediante a livre circulação das ideias e se nutre nas trocas constantes pelas interações entre as culturas”. (BRASIL, 2007). Firmados nestes princípios, buscou-se na parceria, um dos fundamentos da interdisciplinaridade, como o meio de se crescer no conhecimento e de troca das diferentes culturas.

A Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Aquidauana, (CPAQ) se encontra no município de Aquidauana. Sua extensão territorial compreende inúmeras aldeias indígenas da etnia Terena; além disso, essa instituição atende alunos dos municípios de Dois Irmãos do Buriti, Miranda, Nioaque, Bodoquena e toda região, que também tem entre seus habitantes, diversas comunidades da tribo Terena. Muitos destes indígenas buscam, nos cursos de graduação oferecidos pela UFMS, oportunidades de crescimento pessoal e profissional; e, foi no contato como docentes desses alunos que criamos um elo de aproximação, o que permitiu conhecermos em *loco* a realidade das escolas nas aldeias nos dias de hoje.

Entre as parcerias propostas está a do intercambio cultural entre acadêmicos do Brasil e dos Estados Unidos da América (EUA) em aldeia indígena Terena com o projeto denominado: Projeto de Intercâmbio: Brasil e EUA a fim de promover oportunidades de crescimento e intercâmbio cultural entre jovens de diferentes povos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS



Para os encaminhamentos seguimos os passos no exercício de uma prática interdisciplinar que nos auxiliou a identificar a pesquisa-intervenção como balizadora no caminho percorrido. Procuramos então, a partir dos princípios da metodologia interventiva, reconhecer o universo teórico que respalda a nossa prática pedagógica nas parcerias entre UFMS/CPAQ, os alunos indígenas e os acadêmicos norte-americanos.

À medida que a educação diferenciada se desenvolve e repercute sobre as interações no grupo, interessa-nos saber de que maneira os objetos da pesquisa interferem na motivação do aluno na escola, na vida cotidiana e, quais as consequências dessa mediação para valorização da cultura Terena. Procuramos a partir dos princípios da metodologia interventiva reconhecer o universo teórico que respalda a multiplicidade do movimento interdisciplinar, destacando as vozes dos indígenas no que se referem à arte e a língua, em termos de suas percepções, demandas e expectativas.

Nos desdobramentos teóricos sobre intervenção, a interdisciplinaridade privilegia e emana a força da ousadia na busca pela transformação da educação. Em Fazenda (2007) encontramos tais referências quando realizamos intervenções procurando entender o significado das palavras na maneira como os pesquisados falavam do seu universo.

O processo de orientação na pesquisa foi exercido e reordenado quantas vezes foi preciso para apreender o mundo subjetivo das representações, das expectativas e do desejo imanente de mudanças nas ações que anseiam pelas atitudes interdisciplinares na prática com o indígena. Daí, a escola ser, além de espaço de aprendizagem, local de troca de experiências, crenças e sonhos, frustrações e realizações, o espaço para o desenvolvimento destas ações.

4 CONCEPÇÃO ACERCA DA ARTE E DA LÍNGUA NA CULTURA INDÍGENA

Em se tratando dos povos indígenas, somos sabedores que ao longo de sua história eles vêm elaborando complexos sistemas de pensamento e modos próprios de produzir, armazenar, expressar, transmitir, avaliar e reelaborar seus conhecimentos e suas concepções sobre o mundo. Os resultados são valores, concepções e conhecimentos científicos e filosóficos próprios, elaborados em condições únicas e formulados a partir de pesquisa e reflexões originais. Observar, experimentar, estabelecer relações de causalidade, formular princípios, definir métodos adequados, são alguns dos mecanismos que possibilitaram a



esses povos a produção de ricos acervos de informação e reflexões sobre a natureza, sobre a vida social e sobre os enigmas da existência humana.

Em meio aos mistérios da existência humana e suas principais dificuldades para se educar e educar o outro acreditamos que a reflexão sobre o trabalho na educação pode envolver o relacionamento das áreas do conhecimento de forma interdisciplinar, referenciando-se em propostas que encontrem coerência na construção de uma pedagogia indígena intercultural que concilie de forma equilibrada a escola, articulando as experiências e os conhecimentos tradicionais da comunidade com os conhecimentos científicos, a fim de tornar eficaz a formação de professores indígenas para a escola básica que, por sua vez, propõe a melhoria da qualidade de ensino e da educação escolar dos povos indígenas.

No caso específico da Educação Escolar Indígena se exige políticas integradas de ensino e pesquisa, coerentes com o que prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em seus artigos 78 e 79, buscando a formulação de princípios pedagógicos, antropológicos, linguísticos, epistemológicos, semióticos, entre outros, que devem nortear as diferentes realidades curriculares experimentadas pelas várias etnias.

Entre os componentes curriculares a LDB estabelece que o ensino de arte deva constituir-se como um componente curricular obrigatório em todos os níveis da educação básica. No ano de 1997, reforçando os enunciados na LDB, foi publicado pela Secretaria de Ensino Fundamental (SEF), órgão vinculado ao MEC, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que destacam a importância da Arte na formação dos educandos com diversas finalidades, como a compreensão, a manutenção e a divulgação da nossa cultura, incluindo a cultura indígena.

Entre os autores que incentivaram o ensino da Arte na educação escolar está Ana Mae Barbosa da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo-USP, que muito contribuiu para a valorização da arte. Ela declara, numa entrevista concedida para a Agência USP de Notícias e publicada em 20 de novembro de 2007, que "Não é possível conhecer um país sem conhecer e compreender sua arte" e, no mesmo sentido complementa:

A Arte na Educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção, a imaginação, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (2003, p. 18)



Isto nos faz constatar que a inclusão de estudos da arte na educação escolar indígena facilitará em muito a aprendizagem e, de certa forma permitirá a revitalização da cultura indígena através da música, representações teatrais e da dança, seja festiva, fúnebre ou de celebração religiosa.

Essa concepção permite observar a força das culturas indígenas em todos os momentos cotidianos. Nos seus modos diversos de falar, andar, comer, orar, celebrar e brincar estão inscritas suas marcas civilizatórias. Há um traço de destaque nesses povos: ancorados na dimensão do sagrado celebram e respeitam a vida e a morte, estabelecendo uma relação ética com a natureza. Pela forma de se expressar e de ver o mundo, as populações indígenas mantêm vivas suas histórias. Segundo Picollo (2005) “cultura como comunicação pode também significar que a teoria do ser humano deve ser comunicada a fim de ser vivida”.

Nessa ótica é possível entender porque a criança indígena é estimulada desde o seu nascimento, a reconhecer e valorizar as identidades culturais. Ao entender que há tradição e histórias nas suas aldeias, elas podem se orgulhar da cultura de sua etnia e integrar com facilidade a diversidade de culturas que caracterizam o Brasil. São aspectos que devem (até por lei fazer) parte dos conteúdos programáticos das escolas indígenas.

Nas etnias que vivem em Mato Grosso do Sul, a dança do Bate-Pau e Siputrema representa uma das formas de manifestações artísticas e culturais. As apresentações são comuns em dias festivos, como por exemplo, no dia do índio e simboliza, além de uma linguagem significativa na história desses povos, uma forma de expressão para a aprendizagem das crianças que se alegram com as manifestações. A dança é executada por homens e mulheres de várias idades, de crianças a idosos. Toca-se flauta e tambor, para dar ritmo aos passos dos dançarinos. As cores rituais são a vermelha, a azul e a branca. As vestes, de penas de ema e de palha, são especialmente preparadas para a dança ritual. Os homens e as mulheres carregam longas taquaras nas mãos e com elas desenvolvem uma coreografia, ora batendo as taquaras com as de outros dançarinos, ora batendo-as no chão. O final da dança é marcado pela reunião dos dançarinos em círculo e a união das taquaras, sobre as quais é colocado um guerreiro, que é então erguido e ovacionado⁴.

Na versão da etnia Terena, apenas homens dançam o Bate-Pau e as mulheres dançam o Siputrema. Em momento festivo presenciamos alunos das Escolas Indígenas apresentarem

⁴ *Ovacionado* significa aplaudido de forma entusiástica. *Ovação* é um ato de aclamação.



a dança do Bate-Pau. A dança está registrada nos estudos sobre a arte e a cultura indígena Terena, numa perspectiva de interculturalidade, considerando os aspectos antropológicos, psicopedagógicos e históricos.

Entendemos que a língua, além dos costumes, crenças e cultura, é vista como a representação de um povo, sendo através dela que toda a comunidade passa a realizar suas negociações, rituais e demonstração de seu poder, além de permitir conhecer todo o universo cultural que os rodeiam. Porém, a língua indígena além de ter sido retirada integralmente das comunidades indígenas, serviu por muito tempo apenas como um elemento facilitador para a aprendizagem da Língua Portuguesa. De acordo com Monserrat (*apud* SILVA, 2001 p.129) foram dois os paradigmas que nortearam os processos pedagógicos: o *Paradigma Assimilacionista* tinha por objetivo educar o índio para que ele deixasse de ser índio, renunciando de sua língua materna, de suas crenças e de seus padrões culturais, assimilando os valores e a maneira de ser da sociedade branca. O segundo é denominado, *Paradigma Emancipatório*, promovia um bilinguismo de maneira ativa, incentivando o uso da Língua Portuguesa é acrescida ao repertório linguístico do indígena e não o contrário. Para que isso se enfatizou a importância do uso de sua língua materna em todo o processo de escolarização e não apenas nas séries iniciais, além de uma maior promoção do respeito às crenças, aos saberes e às práticas culturais indígenas.

A mesma LDB, estabelece que é competência do Estado oferecer aos indígenas uma educação escolar bilíngue a fim de “recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas e a valorização de suas línguas e ciências”. A busca por esse direito tem sido uma constante nas comunidades indígenas e também na tribo Terena. Silva (2011, p.130) aponta a escola como o centro de convivência para a valorização do indivíduo e da comunidade superando a discriminação “devendo ser um local de diálogo, de convivência e de respeito às diferentes formas de expressão cultural”.

Nesse sentido urge a revitalização do processo histórico educativo vivido nas famílias e na comunidade estabelecendo o intercâmbio entre os saberes tradicionais e os novos conhecimentos e, favorecendo abordagens de entrosamento com outras áreas de conhecimento, uma vez que a arte e a língua possuem uma dimensão interdisciplinar.

Fazenda (2005) aponta que a interdisciplinaridade é entendida como uma mudança de atitude na forma de conceber, compreender e entender o conhecimento, uma troca em que todos saem ganhando. .



5 CONSIDERAÇÕES INTERDISCIPLINARES ACERCA DAS PRÁTICAS NAS PARCERIAS ENTRE ACADEMIA E VOLUNTÁRIOS NORTE AMERICANOS

Após essas considerações é preciso por em prática, isto é, tirar do papel as letras frias das leis, normas e regulamentos, para que os povos indígenas possam resgatar, dentre outras, suas identidades linguísticas e étnicas.

A parceria realizada pelo projeto Brasil Estados Unidos provocou justamente o diálogo com as outras formas do conhecimento, a tradução e interpenetração no sentido e significado das palavras, e ações desenvolvidas como Fazenda (2012), diz anteriormente oportunizando momentos significativos e transformadores.

A participação de intérpretes voluntários brasileiros, acadêmicos dos cursos de Letras, Pedagogia e Turismo, viabilizou este intercâmbio transcultural. As práticas intercomunicativas da língua Inglesa e da língua Portuguesa propiciaram esta benesse para os acadêmicos de ambos os países. Considerando o valor da autonomia e o conhecimento das necessidades local. Todas as ações foram planejadas conforme as propostas da direção e dos professores das escolas indígenas mediante reunião prévia. Assim, mini palestras foram ministradas aos alunos do ensino fundamental. Concomitante as palestras, realizou-se atividades pedagógicas/ lúdicas e esportivas com as crianças da pré-escola ao sexto ano, ocorrendo uma socialização alegre e amistosa entre todos. As ações foram muito bem recebidas, pois acreditamos que as temáticas perpassaram as disciplinas culminando num todo maior interligado.

Desta forma, a parceria consolida a intersubjetividade e um pensar complementa o outro, como via dupla na interação e ampliam as possibilidades de execução das atividades interdisciplinares. A atividade vai sendo desenvolvida depois da conquista da confiança, na cooperação, no heterogêneo, no espontâneo com orientação. (FAZENDA, 2012, p. 85).

Face ao exposto, parece-nos pertinente focar alguns momentos significativos das ações que marcaram a cultura lúdica, artística e de humanização do grupo Brasil e grupo EUA, visto que se torna importante a preocupação com este resgate num mundo que tende a desumanizá-lo. Podemos afirmar, também, que essas experiências tiveram características inconfundíveis e dimensões imprevisíveis no intercâmbio entre Brasileiros e norte-americanos. Reportamos a seguir as ações de acordo com os relatos de Ratund & Souza (2014, p. 118-121).



Ao chegar, todo o grupo foi surpreendido com um momento de boas vindas. Todos foram recebidos pelo cacique que, simbolicamente abriu as portas da aldeia, ao contar fatos históricos, mostrar o centro administrativo e alguns pontos importantes, como o centro de cultura e danças. Em seguida, fomos até o saguão-refeitório onde todos os alunos, os professores e a direção estavam aguardando. O diretor falou, em português e em terena, da importância deste momento de integração, solicitando o engajamento de todos os alunos e professores e desejando a todos um ótimo trabalho. As crianças cantaram o hino do município e da aldeia em Terena e alguns meninos finalizaram o momento tocando flauta.

Durante toda ação percebemos que a barreira da língua foi superada pela comunicação através de gestos, expressões, palavras soltas, abraços, sorrisos, etc. Ficou evidente a vontade de todos em aprender e se relacionar, nem que fosse através de uma ou duas palavras: *Unatí! Hello! Bom dia! Uné? Água? Water?*

Um momento bem marcante, foi quando, no local em que se realizava o lanche do almoço, uma senhora, artesã da aldeia e membra da congregação indígena, se ofereceu para ensinar a fazer potes de barro. Brasileiros e norte-americanos aprendendo a trabalhar com os diferentes tipos de argila, moldar seus potes e colocá-los para secar. Possibilitando assim a riqueza da troca integradora, que se materializa através de uma lembrança vivenciada para casa.

De igual importância foram às atividades esportivas que oportunizaram momentos muito intensos e de rica interação. Dentre essas diversas oportunidades, há um que se destaca. Havia na escola duas turmas que não tinham um bom relacionamento, ponto de se instigarem e se desrespeitarem. Sem que o grupo organizador soubesse, estas turmas foram chamadas para participarem dos jogos para formarem equipes mistas. Os alunos olharam entre si buscando a aprovação uns dos e para não contrariar aquele momento característico, optaram por brincar juntos, confirmando que a esportividade derruba barreiras, aproxima as pessoas, promove a inclusão e fortifica a identidade. Tavares afirma que é na relação social que a identidade de consolida.

É a educação que solidifica e desenvolve um equilíbrio na formação da personalidade e torna o indivíduo mais consciente da própria identidade. São os valores, as habilidades e os novos conhecimentos que transformam o indivíduo e o humaniza. Os traços de personalidade vão de aperfeiçoando, se organizando, se moldando e se adaptando ao meio social. (TAVARES, 2013, p. 138).



As identidades se revelavam e estavam abertas as trocas nas experiências compartilhadas, as quais vêm sublinhar o que Tavares (2013) diz quando afirma que a educação conscientiza, equilibra, transforma e aperfeiçoa os indivíduos no meio social.

Na despedida, os alunos apresentaram a dança do “bate pau”, manifestação máxima da cultura local, pois esta remete ao momento histórico em que os homens indígenas, Terena, voltam para casa, após a vitória da Guerra do Paraguai. Como símbolo da afetividade conquistada e agradecimento, presentearam todos os acadêmicos com artesanato local e cantaram em seu próprio idioma.

Entende-se esta ação na perspectiva interdisciplinar, com a valorização da parceria como componente que consolida a intersubjetividade do grupo. Existe, também, a constatação da via dupla da interação das atividades executadas, após a confiança estabelecida entre as pessoas envolvidas no trabalho; a entrega individual; o aceite.

Há que se reconhecer que muitos outros momentos ricos de valor e interação poderiam ser aqui apresentados, quando se trata de vivências desta natureza, o que não nos cabe fazer em tão pouco espaço de tempo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto as práticas interdisciplinares são pontos fundamentais nesse processo porque proporcionam aos indígenas desenvolverem-se como cidadãos críticos em seu meio, levando-os a participar e interpretar o seu cotidiano, por meio de procedimentos e atitudes nas ações que ocorreram dentro e fora da escola.

Nessa nova perspectiva interdisciplinar de ensino, em que parceiros participam da construção do saber de forma ativa, há que se considerar os significativos e positivos resultados como respostas, quando buscamos saber de que maneira os objetos da pesquisa interferem na motivação do aluno na escola e fora dela e, quais as consequências dessa mediação para valorização da cultura Terena, uma vez que não há receita pronta, é necessário reelaborar conceitos como currículo, práticas escolares, experiências cotidianas e competências.

Assim, os resultados não asseguram necessariamente, que durante todo o percurso da pesquisa, nos sentimos realmente em condições de intervir, porém de alguma forma contribuímos para a construção de novos conhecimentos, valorização intercultural e relações interpessoais abrindo espaços e futuras possibilidades de novas ações e interações.



7 REFERÊNCIAS.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Os índios na História: abordagens interdisciplinares. Revista Tempo, nº 23, Rio de Janeiro: UFF, julho, 2007.

BARBOSA. Isto é arte? Uma reflexão sobre a arte contemporânea e o papel do arte educador. Educação, arte e inclusão. Rio de Janeiro, 2003.

BRASIL. Decreto n. 6.177, de 1 de agosto de 2007. Convenção sobre a proteção e promoção da Diversidade das expressões culturais. (UNESCO-Convenção de Paris- 2005).

_____. Cadernos SECAD Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC): 2007.

CARLOS, J. G. Interdisciplinaridade no Ensino Médio: desafios e potencialidades. Programas de Pós-graduação da CAPES. 2006. Disponível em: www.pucsp.br/gepi>. Acesso em: 01 out. 2014.

FAZENDA, I. C. A teoria fecunda e a prática difícil da Interdisciplinaridade. Disponível em: < <http://www.pucsp.br/gepi>>. Acesso em: 01 out. 2014.

_____, I. C. História, teoria e pesquisa. 18. ed. Campinas/SP, 2012.

_____. Interdisciplinaridade: qual o sentido? São Paulo: Paulus, 2003.

_____. Interdisciplinaridade - história, teoria, pesquisa. Campinas: Papyrus, 1994.

_____. Dicionário em construção: interdisciplinaridade. São Paulo: Cortez, 2001.

JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

PICOLLO, Cláudio. A arte de ensinar como arte da descoberta: uma investigação interdisciplinar. Tese de doutorado. PUC: São Paulo, 2005. Disponível em: [http://www.pucsp.br/gepi/downloads/TESES CONCLUIDAS/Picollo.pdf](http://www.pucsp.br/gepi/downloads/TESES_CONCLUIDAS/Picollo.pdf)

RATUND, Isabel Cristina; SOUZA, Maria Neusa G. Gomes de. Abordagens interdisciplinares em processos de intercâmbios culturais entre Brasil e Estados Unidos. Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPIFIP, Aquidauana, v. 1, n. 1, p. 114-122, out. 2014.

SILVA, Ana Lúcia Gomes. Interdisciplinaridade na Temática Indígena: aspectos teóricos e práticos da educação arte e cultura. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da PUC/SP, 2013.

SILVA, Luciana Emanuelle Sanches. Políticas públicas da educação escolar indígena e sua aplicabilidade em comunidades terenas no estado de mato grosso do sul. ENCICLOPÉDIA BIOSFERA, Centro Científico Conhecer - Goiânia, vol.7, N.12; 2011.

TAVARES, D. E. Identidade. In: FAZEDA, I. C (Org.); GODOY, H. P. Interdisciplinaridade: pensar, pesquisar, intervir. São Paulo: Cortez, 2013. p. 135-139.